

# EMPREGO DE FRAÇÕES DE INFANTARIA EM AMBIENTE OPERACIONAL DE MONTANHA: ATUAÇÃO DO 11º BI DE MONTANHA NA II GUERRA MUNDIAL

Gabriel Tabanez<sup>1</sup>

Rafael Roesler<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente trabalho tem como intuito apresentar as principais dificuldades apresentadas pelos pracinhas brasileiros durante atuação no teatro de operações italiano na Segunda Guerra Mundial. A participação brasileira foi motivo de diversas análises por parte de estudos, que tomaram como objeto de pesquisa as dificuldades que os soldados presenciavam em combate, bem como as estratégias e táticas utilizadas pelos comandantes de todos os níveis, que culminaram com os sucessos de investidas como as de Monte Castello, Castelnuovo e Montese, que serão abordada com ênfase neste trabalho.

**Palavras-chave:** Pracinhas, Segunda Guerra Mundial, Monte Castello, Castelnuovo, Montese.

## ABSTRACT

The present monograph aims to present the main difficulties presented by the Brazilian squares during their performance in the Italian theater of operations in World War II, whose Brazilian participation was the subject of several analyzes by studies that took as object of research the difficulties that the soldiers as well as the strategies and tactics used by commanders at all levels, culminating in the successes of invaders such as Monte Castello, Castelnuovo and Montese, which will be addressed with emphasis in this work

**Keywords:** Scientific. Brazilian Expeditionary Force, World War II

## 1 INTRODUÇÃO

O emprego de frações de infantaria em ambiente operacional de montanha será o assunto abordado durante esta pesquisa, analisando de forma mais específica as dificuldades que o soldado brasileiro apresentou durante os conflitos, que em sua maioria tinha como palco elevadas cadeia montanhosas, e de forma geral a atuação do então, denominado, 11º BI Mth, Regimento Tiradentes na Segunda Guerra Mundial. Também serão analisados os reflexos de sua participação que contribuíram para a formulação de uma nova doutrina no campo militar de operações.

Para tanto, é preciso entender o contexto que se encontrava o 11º RI no momento em que chega em solo italiano, dessa maneira, Almeida (1985, p. 2) relata fielmente esta situação, como quem esteve presente de fato na época, “O 11º RI chegou a Itália integrado ao denominado 3º Escalão de Embarque, no dia 6 de outubro de 1944 e, ao contrário do que acontecera com o 6º RI, no 1º Escalão, custou a receber seu equipamento e armamento [...]”. Além do mais ele acrescenta:

“[...] não foi submetido ao treinamento normal no próprio TO, muito menos ao teste de encerramento que coroava a instrução recebida e assinalava sua condição final para o combate. Na noite do dia 1º para 2º de dezembro é transportado para a região de Silla, no vale do Reno, substituindo um batalhão do 1º RI na frente de combate”. (ALMEIDA, 1985).

Este trabalho, portanto, cobre as fases da

1 O Cadete de Infantaria Tabanez é graduando em Ciências Militares na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN).

2 O Coronel Roesler é Mestre em História, Política e Bens Culturais. Atualmente, desempenha a função de Chefe da Seção de Pesquisa Acadêmica e Doutrina da AMAN.



guerra que contou com a participação da FEB, especificamente com a atuação do 11º RI na frente de combate, porém não visa esgotar o assunto mas sim mostrar suas causas e consequências bem como aspectos inerentes à mobilização dos recursos, a organização e a instrução do Regimento Tiradentes, a campanha terrestre deste Regimento, mostrando tanto os seus aspectos estratégicos e táticos ressaltando a conduta do brasileiro, digna de merecimentos e atenção de todos

## 2 A ENTRADA DO BRASIL NA GUERRA

E como se encontrava o Brasil em meio a essa beligerância mundial? Tendo em vista que o mesmo, durante a primeira parte da guerra, segundo Ferraz (2005 apud PRANDI 2013) já estava ligado ao fornecimento dos produtos estratégicos para a guerra.

### 2.1 Postura inicial do governo brasileiro no início da guerra

No dia seguinte à eclosão da guerra, Manoel Thomaz Castello Branco (1960) relata em seu livro a postura inicial do governo brasileiro diante do ocorrido: “[...] o Governo brasileiro expediu o Decreto-Lei nº 1561, estabelecendo as Regras de Neutralidade a serem observadas no caso de guerra entre potências estrangeiras, não americanas [...]”. Podendo então admitir a postura neutra do país no início do conflito.

Contudo, após algumas ameaças do eixo e mais tarde o ataque à base aliada dos EUA (Pearl Harbor), seguida de afundamentos de navios mercantes brasileiros, o Brasil se viu diante de um cenário conflituoso em que deveria adotar uma postura, portanto, decide então romper as relações diplomáticas com a Alemanha e declarar guerra às potências do Eixo.

Exatamente nessa época, a desfaçatez dos submersíveis eixistas, em repetidos e traiçoeiros ataques à nossa Marinha Mercante, atingiu um clímax intolerável ao brio nacional, com o torpedeamento, no breve espaço de dois dias, de cinco vapores, à vista de nossas praias e em requintes de inacreditável vileza.

Tais atentados à nossa soberania avolumaram a onda

de indignação popular e conduziram o nosso Governo a declarar guerra à Alemanha e à Itália, em 22 de agosto de 1942. (MORAES, 2005, p. 35).

### 2.2 Declarado guerra, inicia-se a preparação: dificuldades de mobilização e constituição da FEB

Sua organização, seus regulamentos e seus processos de combate eram baseados na chamada “escola francesa”. De repente, quase da noite para o dia, dentro da antiga moldagem e no quadro da doutrina gaulesa, surgiu a tarefa de constituir uma divisão de Infantaria, com organização norte-americana. E, além disso, instruí-la e adestrá-la segundo os métodos, processos e meios norte-americanos. (MORAES, 2005, p. 28).

Outra dificuldade por vencer foi a seleção física do pessoal. O brasileiro, de um modo geral, não é um homem robusto, embora seja resistente. (MORAES, 2005, p. 28). E a dificuldade de vulto, que desde logo preocupou o comando da tropa expedicionária, decorria da disseminação, em quatro regiões militares, das unidades componentes da 1ª DIE (MORAES, 2005, p. 28).

Às dificuldades já enumeradas somavam-se à duas outras, a absoluta insuficiência do material de guerra norte-americano entre nós e a inexistência de um uniforme adequado ao futuro teatro de operações. (MORAES, 2005, p. 29).

Diante de tantas novidades de equipamento, armamento implementados de uma hora pra outra surgiu a necessidade de buscar na Reserva os elementos capazes de integrar os Regimentos que fossem mobilizados, operando esses materiais. Nesse sentido elaborou instruções para os Comandantes de Grupos de RM, 1ª, 2ª, 4ª e 9ª RM e Diretorias, mostrando-lhes como poderiam ser aproveitadas, nas novas funções, os reservistas constantes dos quadros de mobilização. (BRANCO, 1960, pp. 126-127).

### 2.3 A figura do 11º RI, Regimento Tiradentes e seu embarque para Itália



O 11º Regimento de Infantaria, denominado Regimento Tiradentes, oriundo da cidade de São João Del Rei, Minas Gerais, surgiu da junção do 51º Batalhão de Caçadores com o 54º Batalhão de Caçadores no dia 1º de janeiro de 1920, por determinação do anexo ao Decreto Nº 13.916, de 11 de dezembro de 1919, tendo por finalidade a constituição de um Regimento a fim de proteger as fronteiras segundo o interesse nacional. (DÉCIMO, [2000?]).

Feitos os preparativos mínimos, o 11º RI, que integrava a 1ª DIE, se deslocou para o Rio de Janeiro onde permaneceu acantonado em barracões, instalações provisórias que foram construídas especialmente para este fim. (ALMEIDA, 1985, pp. 26-27).

Finalmente, no dia 21 de setembro, as subunidades do 11º Regimento de Infantaria começaram seus deslocamentos rumo à retaguarda do Regimento-Escola, onde composições ferroviárias as aguardavam, com as janelas de pau abaixadas, pelo que logo foram chamados de “trens fantasmas” e que momentos depois passavam pelas estações da Central do Brasil, procurando esconder de todos suas preciosas cargas, rumo ao transporte de tropas norte-americano “Gen Meight”. Quase na mesma ocasião, embarcava no “Gen Mann” o Grupoamento do Regimento Sampaio. (ALMEIDA, 1985, p. 36).

Enfim, no dia 22, às 12h e 45min, os dois transportes iniciavam suas históricas viagens conduzindo os 2º e 3º Escalões da Força Expedicionária Brasileira. (ALMEIDA, 1985, p. 39).

Durante os quatorze dias de cruzeiro, a tropa teve oportunidade de assistir e participar dos vários exercícios programados, de segurança, tiro e abandono do navio, executados sempre com muita ordem e precisão, tanto pela guarnição como pelos passageiros. (BRANCO, 1960, p. 162).

### 3 O 11ºRI EM SOLO ITALIANO

Ao se estalarem no acampamento militar situado na Quinta Real de San Rossore, se deparam com uma instalação dotada de todos os recursos higiênicos

e dispostos em ordem impecável, garantindo um certo “conforto” à tropa. Logo depois, deveriam receber o material necessário a um treinamento intensivo, o qual não foi proporcionado a tempo, conforme previu o comandante do V exército devido a atrasos dos transportes marítimos. (MORAES, 2005)

Os 2º e 3º escalões de embarque levaram 35 dias para receber todo o suprimento bélico, e os trabalhos de distribuição aos órgãos de serviço brasileiro, a cargo da PBS, só foram dados concluídos no dia 22 de novembro. (MORAES, 2005, p. 56).

Dadas a necessidade de partida para o vale do Reno e a falta de equipamentos que completassem o Regimento, a linha de ação adotada foi a de se realizar a cessão dos materiais que já haviam disponibilizados à tropa, fazendo com que um batalhão repassasse ao outro de forma que os primeiros a serem chamados à zona de combate o fizesse completamente aparelhados. Porém, devido à escassez de tempo, essa tarefa teve sua continuidade no próprio vale do Reno. (MORAES, 2005).

### 3.1 A conquista de Monte Castello

Iniciava-se nesta fase as ofensivas do IV Corpo de Exército comandando pelo Gen. Crittenberger, que de acordo com seu planejamento seria realizada na segunda quinzena de fevereiro, como sendo preliminar de outra de maior envergadura, tendo como objetivo tomar o conjunto defensivo inimigo localizado entre os vales do Reno e Panaro, O Plano Encore, portanto, foi uma grande ofensiva dividida em duas fases, cuja ação principal caberia à adestrada 10ª Divisão de Montanha responsável pelo flanqueamento sobre a crista Belvedere – Gorgolesco – Della Torracchia sendo apoiada pela 1ª DIE, realizando uma ação diversionária. (MORAES, 2005).

Os ataques em Monte Castello, antes frontais, agora seriam realizados contra os flancos do dispositivo inimigo, contando também com os apoios da artilharia, de carros de combate e pelo esquadrão<sup>3</sup> da FAB que operava na Itália. Savian (2016), conta em resumo como se daria as missões da divisão brasileira:

3 O lendário Esquadrão Senta à Pua.



A ação principal da 1ª DIE na 1ª fase foi atribuída ao 1º RI, que partindo da região de Mazzancana deveria apossar-se de monte Castello e La Serra. A ação secundária seria realizada pelo 2º/11º RI, que teria a tarefa de cobrir o flanco direito do 1º RI. A direção geral de ataque era Gaggio Montano – monte Castello – La Serra. (SAVIAN, 2016, p. 60).

Enfim, ficou acertado pelo IV Corpo de Exército que às 05:30 horas do dia 21 seria o momento para o ataque, com a 10ª Divisão de Montanha em Monte Della Torracchia e a 1ª DIE em Monte Castello. Savian (2016, p. 61) descreve o desfecho desta ação:

O ataque foi desencadeado conforme fora estabelecido, mas a progressão da 10ª Div Mth acabou temporariamente barrada ao norte de Cappella di Ronchidos. Não obstante, o 1º e o 3º/1º RI lançaram-se sobre monte Castello, enquanto o 2º/11º RI apossava-se de Abetaia em ação de cobertura. Houve resistências de pequena monta na área de atuação dos brasileiros, pois boa parte da guarnição alemã antes lá posicionada se havia retirado em razão dos ataques da 10ª Div Mth, que ameaçavam desbordá-la. Assim, por volta das 18:00 horas, monte Castello estava de posse dos brasileiros. O monte della Torracchia foi dominado pelos montanhese no dia seguinte. (SAVIAN, 2016, p. 61).

A respeito de tal ação, que representou um marco glorioso na história da FEB, Marechal Mascarenhas de Moraes, menciona em seu livro, uma exímia dedicatória a esse grande feito:

Com a captura de tal elevação, escrevera a Força Expedicionária Brasileira o capítulo mais emocionante de sua vida. Monte Castelo, resistindo durante três meses às investidas das armas aliadas, erigira-se a cidade da presumida invencibilidade germânica. Para os brasileiros, no entanto, representara um símbolo um marco na vida de nossa tropa em terras de ultramar. Constituiu o índice do valor de nossa gente. Significou a sangrenta forja de nossa agressividade. Traduziu a odisséia anônima das atrevidas incursões de nossas patrulhas, avançando sob nevascas cortantes no gelo resvaladiço, a se esgueirarem através dos núcleos da defesa inimiga em busca do prisioneiro e da informação. Sumidouro de centenas de vidas patricias, a sua captura pelas nossas forças constituiu um dever de consciência e um dever

de consciência e um imperativo de dignidade militar. Assinalou o início de uma série de vitórias esplêndidas para nossas armas, vitórias que elevaram o nome do Brasil e o prestígio de nosso Exército. (MORAES, 2005, pp. 135-136).

### 3.2 A segunda fase do plano encore: conquista de Castelnuovo

Para esse novo objetivo da operação, coube a 10ª Div Mth tomar a linha Castel d'Aiano – M. della Castellana, enquanto que o 1º/6º RI deveria conquistar as cotas 702, 722 e Castelnuovo, enquanto o 1º/11º RI deveria atacar a região de Precaria inflitando, a seguir, para Castelnuovo. O 2º/11º RI, investiria por sobre di Sopra – C. Bonzone, contra Bezzano - C. Rovinelli. (BRANCO, 1960).

As dificuldades encontradas foram muitas, as operações se processavam em ambiente montanhoso com cotas elevadíssimas, chegando a mais de 1.300m de altitude, sem contar as posições ocupadas pelas tropas brasileiras em píncaros recobertos por neve. A travessia por campos minados muito bem montados, se configurou um grande empecilho para progressão dos soldados. (BRANCO, 1960).

Enquanto o 6º RI progredia pela crista de Palazzo – Castelnuovo e buscava aniquilar o incômodo Soprasasso, o regimento do Coronel Delmiro arrancava vigorosamente da região de Precaria – Iareda di Sopra, não só cobrindo com seu Batalhão Lisboa (I/11º RI) o flanco daquele RI, como também realizando o desbordamento do baluarte de Castelnuovo. O torneamento por leste desse ponto forte ficou a cargo do Batalhão Ramagem (II/11º RI). Contínuos bombardeiros de artilharia e morteiros inimigos dificultaram a progressão do II/11º RI. E, mal desembocou de sua base de partida, a 4ª Cia. do II/11º RI, sob o comando do Capitão Erix Motta, passou a ser pesadamente hostilizada pelas repetidas barragens de metralhadoras, localizadas na região de sudeste de Castelnuovo. Prontamente se fez sentir o apoio de nossos canhões e morteiros, a fim de facilitar e assegurar o movimento do Batalhão Ramagem segundo a crista La Spiaddia – Ca Di Ble. Apesar das resistências reveladas e dos campos minados retardando a progressão, a sua 4ª Cia. (Capitão Erix Motta), às 13h30min, conquistava La Spiaggia e, duas horas e meia depois, capturava o casario de C. Bron-



zone, levando a efeito, desse jeito, o desbordamento de Castelnuovo. Imediatamente outros elementos desse batalhão estenderam lateralmente a conquista, consolidando e ampliando o torneamento do baluarte. O 6º Regimento, com o seu II Batalhão, já subjugará o Soprasasso. Pouco faltava para as 19h, quando elementos da 3ª Cia. do I/6º RI (Capitão Aldenor S. Maia) entraram vitoriosos em Castelnuovo. (MORAES, 2005, pp. 148-149).

### 3.3 Um marco na história: a tomada de Montese

O Marechal Mascarenhas de Moraes, Cmt da 1ª DIE, emite, então, suas ordens para mais uma ofensiva que se desencadearia, a chamada “Ofensiva da Primavera” em 14 de abril, ficando a cargo do 11º RI a missão de conservar suas atuais posições, devendo, posteriormente, apoderar-se da região de Montese, Mdt O da 1ª DIE. (BRANCO, 1960, p. 409).

Findo as ordens emanadas pelo Cmt da divisão brasileira, o dispositivo ficou estabelecido, na madrugada do dia 14 de abril, da seguinte forma: o 1º/11º RI cerrou sobre a linha de Maserno; cotas 806 e 808 – Montaurigola, próximo do objetivo, tendo a 3ª Cia como reserva. O 3º/11º RI ficou a sul do Campo del Sole, já o 2º/1º RI se manteve da frente deste último, com todas suas companhias em linha se estendendo da cota 810 para leste. (BRANCO, 1960, p. 424).

Às 13h 30min deu-se início ao ataque propriamente dito, precedido por uma calorosa salva de fogos de artilharia e morteiros que lançavam sob o inimigo granadas, inclusive fumígenas, a fim de apoiar o ataque que seria desencadeado por 3 batalhões em primeiro escalão como relata Branco (1960, p. 424-425).

Cabia ao 3º/11º RI, ao centro, a ação principal, devendo atacar segundo o eixo ponto 801 – cota 927 – cota 880, a fim de apossar-se, sucessivamente, de Serreto – Paravento, cota 927 e cota 888 – Montello. O 1º/11º RI, à esquerda, em íntima ligação com ele, cujo flanco W corria, atacaria segundo a direção Montaurigola – Montes – Doccia, de maneira a ocupar, sucessivamente, Montese e 726. Depois de atingido o 0.2, ocuparia

a região de 747 (S de Lepore) ligando-se a Montese e à cota 931 (NW de Moteforte). O 2º/1º RI, à direita, protegeria, estreitamente, a sua progressão, ocupando 778 e as vertentes S do arroio nascente em Canello. (BRANCO, 1960, pp. 424-425).

Logo se foi mais uma intensa jornada, marcada por conflitos duríssimos implicando em pesadas baixas em ambos os lados, particularmente ao 11º RI, que ali se fez presente exalando a vontade do soldado brasileiro de cumprir, o que seria para eles, uma de suas últimas missões; a conquista do baluarte de Montese. (MORAES, 2005, p. 169).

#### 3.3.1 Caminhando para o fim, em direção a Montello

Contudo, apesar dos grandes esforços despendidos na tomada de Montese, os objetivos da DIE ainda não foram de sua totalidade conquistados, Nessas condições, a missão do 11º RI continuaria a ser desencadeada, tendo agora, o prosseguimento do ataque, procurando alcançar o objetivo principal, balizado pela linha geral de cota 888 – Montello, sendo apoiado em seu flanco, pelo 2º batalhão do 1º RI, com objetivo de conquistar a cota 778. (MORAES, 2005, p. 169).

O batalhão do Coronel Delmiro Pereira de Andrade (11º RI), se via diante de uma das piores situações vividas por aqueles homens, ressaltando o elevado nível de dificuldade apresentada na missão e conseqüentemente dos apuros que os pracinhas eram acometidos naqueles embates. O inimigo oferecia maior resistência neste ponto, fato que se comprou pelo enfrentamento da divisão brasileira de poderosas barragens da artilharia germânica, comparativamente maior do que em eventos anteriores. (MORAES, 2005, p. 170).

Como dados que comprovam o quão árdua foi esse episódio envolvendo a FEB, Mascarenhas de Moraes (2005, p. 174) apresenta-os fazendo um resumo das baixas brasileiras em Montese, no período de 14 a 18 de abril de 1945: Com um total de 426 baixas, sendo 34 mortos, 382 feridos (inclusive acidentados); 10 extraviados. Em específico no 11º RI, foram 12 mortos, 224 feridos e 7 extraviados, totalizando em 243 o número



de baixas neste Regimento.

Com o aproveitamento do êxito da manobra realizada pela Divisão Brasileira, Branco (1960, p. 558) relata o fim dos embates dos embates da FEB frente a um inimigo que já apresentava sinais claros de desgaste e fraqueza moral, “Rompidas as posições inimigas em abril de 1945, ganharam, como verdadeiros veteranos, as suas retaguardas em fuga, até bloqueá-las em Collecio e Fornovo di Taro, vencendo-as de maneira categórica e irrefutável.”

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado do estudo alcançado corrobora o objetivo geral deste trabalho ao relatar a participação do 11º RI, atual 11º BI Mth na 2ª Guerra Mundial. Mostraram - se as experiências aprendidas em combate, em terreno montanhoso e ao lado da divisão norte-americana, especializada neste tipo de terreno, que contribuíram para que mais tarde, o Regimento Tiradentes recebesse do Estado Maior, em 1977, a missão de modernização da força. A partir de então, foram implementadas instruções relativas à designação de uma unidade que desenvolvesse técnicas e táticas relativas a operações em regiões montanhosas seguindo os preceitos da estrutura política da época.

A partir desta conclusão, têm-se registro as atividades desenvolvidas pelo 11º BI Mth, tornando esta Unidade, sob um olhar crítico, especializada em empregar sua infantaria utilizando militarmente técnicas de montanha, possuindo, dentre outras atribuições a de capacitar seus efetivos de modo que toda a Brigada esteja em plenas condições de atuar nesse ambiente operacional, tão comum ao relevo brasileiro.

#### REFERÊNCIAS

BONALUME, R. **A nossa Segunda Guerra Mundial: os brasileiros em combate.** Rio de Janeiro, Expressão e cultura, 1995.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Grande Guerra.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1960.

BRASIL. **C 7-1: Emprego da Infantaria.** 2 ed. Brasília: EGGCF, 1984.

\_\_\_\_\_. **C 21-30: abreviaturas, símbolos e convenções cartográficas.** 4. ed. Brasília, 2002

CARVALHO, José Murilo de. **Forças armadas e política no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

COSTA, M. A. T. D. **Imagens e memórias: uma análise da participação da força expedicionária brasileira na segunda guerra mundial.** CES Revista, Juiz de Fora, v. 26, n. 1, 181-198, jan./dez. 2012.

DÉCIMO Primeiro Regimento de Infantaria. Associação nacional dos veteranos da força expedicionária brasileira. Disponível em: <[www.anvfeb.com.br/11-regimento-de-infantaria/](http://www.anvfeb.com.br/11-regimento-de-infantaria/)>. Acesso em: 15 maio 2018.

FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005. In: PRANDI, Danilo de Mauro. **A reintegração social dos ex-combatentes brasileiros: as condições de vida dos veteranos.** Curitiba. 2013.

GARCIA, Clóvis. In: **Depoimento de oficiais da reserva sobre a F.E.B.** 3. ed. Rio de Janeiro: Cobraci, 1950. p. 283.

MORAES, João Batista Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante.** Rio de Janeiro: Bibliex, 2005.

PRANDI, Danilo de Mauro. **A reintegração social dos ex-combatentes brasileiros: as condições de vida dos veteranos.** Curitiba. 2013.

RIGONI, Carmen Lúcia. **Nas trilhas da Segunda Guerra Mundial: as experiências, as vivências e os sentimentos do soldado brasileiro.** Curitiba: Torre de Papel, 2001.

ROSA, Celso Mariano de S. **A Força Expedicionária na Campanha da Itália.** Resende: Divisão de Ensino da Academia Militar das Agulhas Negras, 1999.

SAVIAN, Elonir José. **Dos Apeninos aos Alpes: a Força Expedicionária Brasileira e o XV Grupo de Exércitos na campanha da Itália.** Resende: Divisão de Ensino da Academia Militar das Agulhas Negras, 2016.

SILVA, João Alberto Barone Reis. **1942: Brasil e sua guerra quase desconhecida.** Rio de Janeiro: Harpercollins, 2013.

